

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E LITERATURA: APROXIMAÇÕES

CONCEPTION OF LANGUAGE AND LITERATURE: APPROACHES

Moacir Lopes de Camargos (UNIPAMPA)*

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a relação entre literatura e linguagem. Para tal empreendimento, argumento que devemos pautar por uma concepção de língua e também de literatura que integre sujeito e linguagem e não os dissocie. O resultado de tal separação, como ainda podemos ver em muitas práticas docentes, é o uso da linguagem literária como mero pretexto para divulgar a clássica divisão entre uma linguagem culta (considerada correta, o modelo a ser seguido) e uma popular (considerada incorreta, cheia de erros e, portanto, necessita ser sempre re-elaborada). Desse modo, perde-se a força humanizadora que a literatura nos propicia por meio da linguagem, conforme nos explica Antonio Candido.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Linguagem. Ensino.

ABSTRACT: The aim of this paper is to provide a discussion about the relationship between literature and language. In order to discuss this relationship, I argue that we need to consider a language and literature conception that integrates subject and language. If we separate these objects, a very common fact in schools nowadays, the use of literary language as a mere pretext to continue teaching the classical dichotomy between standard language (considered a correct model to follow) and a popular language (considered full of mistakes and needs to be constantly re-elaborated) won't offer us an opportunity to think those objects. If we teachers continue to act this way in our own practice, we may lose the best thing literature offers to us through language: its human force (Antonio Candido, 1995).

KEYWORDS: Literature. Language. Teaching.

* Pós-doutor em Humanidades pela Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Professor de língua espanhola, francesa e literatura em língua espanhola na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé, RS. E-mail: l_moacir@yahoo.com.br.

**O Poeta da Roça
Patativa do Assaré**

Sou fio das mata, cantô da mão grosa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu seio o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo da roça e dos oito
E às vezes, recordando feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

INTRODUÇÃO

O poema acima poderá, em uma primeira leitura, talvez assustar, desagradar ou causar risos. Patativa traz a linguagem do sertanejo, tal como ela é, para a poesia. E com essa linguagem considerada coloquial, errada, ele rima e faz suas reflexões a partir de seu mundo, o sertão. Muitas vezes, por já ter o preconceito linguístico naturalizado em nós, associamos essa linguagem ao meio cultural (nordeste, sertão/sertanejo) de onde ela vem e, como consequência, a vemos também como pobre, não-culta. Então, necessita de auxílio para ser corrigida, tornar-se melhor, adequada à norma culta. E não parece absurdo pensar que este poema seria usado na escola como exercício de ortografia para trabalhá-lo na clássica divisão – linguagem culta e linguagem popular.

Algo similar acontece com o personagem Chico Bento que é sempre usado na sala de aula com a mesma intenção. Ou seja, ele é caipira, não fala certo, pois vem de um meio

pobre (ainda que sudestino), então devemos corrigi-lo. E, diante do argumento - já que os alunos leem este tipo de coisa -, utilizemos o que eles gostam para estudar a língua, quer dizer, devemos nos aproximar do mundo do aluno. Então, torna-se fácil a correção das aventuras do caipira Chico para melhorar a ortografia, ou seja, escrever certo, isto é, de acordo com as normas ortográficas¹. Por exemplo, o professor pode selecionar a história ou falas do personagem e os alunos fazem a correção. Veja a seguinte fala do Chico que poderá ser corrigida: *Isso! O lobisome sempre gostô di carne di oveia! Só num sabia qui tinha qui sê tão mar-passada ansim!* (Almanaque do Chico Bento, n. 9, p.11, 2008). Assim, obtém-se o duplo ganho – os alunos leem o que gostam e aprendem a língua, satisfazendo o desejo da professora, dos pais, além, claro de cumprir o plano de ensino, o que significa ter dado a matéria, ensinado. Não poderíamos perguntar sobre a linguagem e os sujeitos que a usam e os seus lugares?

Olhar o poema de Patativa² de outra forma, além da mera dicotomia culto/popular, exige que nós professores desloquemos o olhar, subamos na mesa e vejamos o mundo de maneira diferente, como faz o professor de literatura John Keating³ no filme *Sociedade dos poetas mortos*. Poderíamos também nos perguntar: por que um homem como Patativa, mesmo sem estudos, escreveu o que podemos chamar de literatura? Uma possibilidade de resposta nos leva ao pensamento do crítico brasileiro Antonio Candido. Segundo este pesquisador, é inerente ao homem uma necessidade de fabulação, ou seja, sempre estamos fabulando, imaginando, inventando, contando, criando, seja em sonhos, no dia a dia, nas brincadeiras e rimas que fazemos desde crianças (*Hoje é domingo, pé de cachimbo, cachimbo é de barro, bate no jarro, o jarro é de ouro, bate no touro, o touro é valente, bate na gente, a gente é fraco, cai no buraco, o buraco é fundo, acabou o mundo*), ou ainda nos provérbios que os adultos repetem (*água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*).

Nas palavras da pesquisadora Bella Josef (1986, p. 15) “a existência humana caracteriza-se pela dialeticidade mantida com o universo. O homem é linguagem. Tornar-se

¹ Reportagem divulgada pela Revista Nova Escola em abril de 1998 com o seguinte título: *Exercício para ‘amiorá’ a ortografia*. E, neste momento de corrida para aprender a nova ortografia, o Chico pode tornar-se, para muitos professores, mais um apoio para trabalhar a língua culta.

² Patativa do Assaré, nascido Antonio Gonçalves da Silva (1909-2002) no Cariri (Ceará), começou a fazer versos desde sua infância e se tornou um dos poetas mais importantes do Brasil. Este ano ele completaria 100 anos, por isso decidi homenageá-lo pela sua enorme contribuição para a nossa literatura.

³ Título Original: *Dead Poets Society*. Gênero: Drama. Origem/Ano: EUA/1989. Duração: 129 min. Direção: Peter Weir. O professor Keating mostra aos alunos a máxima de Horácio *Carpe diem* que, às vezes, numa tradução literal significa apenas aproveitar o dia, viver tudo. Mas seria interessante pensar que aproveitar o dia é fazer coisas boas como uma boa leitura, olhar o mundo/outro com olhos mais humanos.

ser é tornar-se linguagem”. Desse modo, é coerente pensar, a partir das ideias dos pesquisadores citados que, em todos os tempos e em todos os lugares do mundo, há/houve fabuladores usando a linguagem. E é justamente essa capacidade de fabular, típica dos humanos usuários da linguagem, que nos permite (re)criar o universo, produzindo o encontro entre o imaginário e o racional.

Para Bakhtin, pensador russo do século XX, há duas forças que atuam na linguagem – uma centrífuga (descentralizadora) e outra centrípeta (centralizadora). Em termos de gêneros literários seria possível o seguinte entendimento: enquanto os gêneros considerados maiores – épico, lírico, dramático – tentavam centralizar/preservar a língua, aqueles considerados menores a descentalizavam⁴. Se por um lado, havia um controle da língua(gem) por parte da elite⁵, na rua, nas feiras livres, as pessoas manipulavam uma enorme quantidade de signos por meio dos chistes, provérbios, brincadeiras etc. Isso era o que, de fato, mostrava um movimento dinâmico e criador da/na linguagem que era e(a)nunciada e explorada em diversas performances e formas dialógicas no corpo de ilusionistas, músicos, poetas etc.

A dificuldade que temos em pensar a linguagem e literatura, como fora dos modelos, ainda é muito grande. O mais comum é seguir os modelos centralizadores, canônicos. Em 1997, quando já havia terminado o curso de Letras e comecei a dar aulas de português, na cidade de Uberlândia, MG, ouvi de um colega, professor de literatura do ensino médio, a seguinte afirmação: *os alunos devem ler os clássicos, pois é lá que está a boa língua que eles precisam aprender; eu sempre começo com Machado de Assis*. Isso pode nos levar a questionar o conceito de literatura/linguagem e também como esta ainda é usada por muitos professores. Diante da inegável contribuição literária de Machado, não poderíamos lê-lo de outras maneiras? Ou ainda nos perguntar: por que ele usava tal linguagem? E tantas perguntas mais...

1 PENSANDO A LITERATURA

Segundo Rancière (1995) a noção de literatura sofreu um deslizamento histórico de sentido, ou seja, ela passa de um saber para uma arte. Até o século XVIII, considerava-se

⁴ Sabemos que as línguas neolatinas como o português, originaram a partir do latim que era chamado de vulgar, falado pelo povo, pelos soldados que conquistaram as novas terras. O latim clássico era usado pelos literatos.

⁵ O controle da língua que é falada, podemos ver desde a partir de episódios da bíblia (ver Juízes, Capítulo 12, versículos 5 e 6), conforme nos explica Geraldini, 2009. Ou ainda, a clássica divisão entre latim clássico e vulgar (este que deu origem a diversas línguas neolatinas), conforme explicado na nota anterior.

literatura o que era conhecido como belas-letas – obras clássicas como *Eneida* de Virgílio, *Odisseia e Ilíada* de Homero – que eram bem definidas, a poesia e a eloquência. Esses gêneros eram construídos de acordo com saberes submetidos a três regras específicas: *inventio*, que determinava os assuntos, como produzir belos discursos, convencer, comover; *dispositio*, que organizava as partes do poema ou do discurso, como abri-lo; *elocutio*, que dava especificidade ao assunto, como o ornava, por exemplo, o uso de metáforas.

Já no século XIX, acontece de fato o deslizamento. Literatura agora não é mais um saber que me permite apreciar um conjunto de textos (greco-latinos) e sim, um objeto. Ela passa a ser a atividade daquele que se dedica ao trabalho de escrever. O enfoque passa a ser as obras da literatura o que assegura, a princípio, a continuidade das belas-letas, uma vez que não houve um abandono dos clássicos. Porém, essa ruptura que deixa o manual de escrever com regras determinadas, na ilusão de continuidade, leva também a uma ideia de absoluto. Então, pergunto: abandonaram as regras das belas-letas com a delimitação da literatura?

Na verdade a literatura, ao abandonar as regras específicas, não se reduziu. Ao contrário, o conceito não é fechado e, mesmo não havendo regras para escrever, a leitura dos clássicos continuou integrando/influenciando toda a produção literária posterior. Prova disso é que podemos, nos dias atuais, encontrar várias teses e traduções⁶ de clássicos, como Catulo e Marcial dentre outros, feitas por autores jovens. Ou ainda as diversas adaptações de clássicos como Platão (*O Banquete*) para o teatro, que sempre provocam emoções no público. Eis uma característica que pode ser essencial e distintiva da literatura – despertar emoções –, conforme já afirmava o crítico brasileiro José Veríssimo no início do século XX. Acrescento ainda a condição que a literatura tem de atravessar o curso do tempo, dialogar com culturas diferentes, renovar e retornar com mais dinamismo, mais força, abrindo novos espaços e guardando a memória viva da sua arte plural e complexa que permanece no mundo. Há de considerar-se ainda que uma obra literária nunca se esgota em sua análise, pois está sempre aberta a novas leituras e relações com outros enunciados.

Ao longo do século XX houve uma ampla produção literária. Para nós latino-americanos, foram surpreendentes as influências das vanguardas europeias. No Brasil, se tomamos o modernismo como uma referência, temos manifestações estéticas inovadoras presentes em romances, contos, poesias e também na pintura, escultura. Porém, mesmo com maiores possibilidades no plano da produção, as concepções de literatura na escola não souberam acompanhar tais inovações. Isso nos leva a pensar, então, nas concepções

⁶ No que diz respeito aos clássicos, há traduções bastante descaracterizadas se referindo a Platão como aquele que trata dos vícios escabrosos dos gregos.

de literatura veiculadas na escola. Conforme Chiapini (2002, p. 21), temos as seguintes concepções:

- 1 - literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural;
- 2 - literatura como sistema de obras, autores e público;
- 3 - literatura como disciplina escolar que se confunde com a história literária;
- 4 - cada texto consagrado pela crítica como sendo literário;
- 5 - qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho da linguagem e da imaginação, ou simplesmente este trabalho enquanto tal.

Como observa a autora, a escola privilegia o uso da literatura nas acepções 1, 3 e 4. Esta última nos remete ao cânone literário como, por exemplo, o livro de Harold Bloom, onde há uma lista dos melhores escritores. Mas com que critérios um escritor ou livro foi eleito como cânone? Provavelmente os leitores não opinaram.

Concordando com a autora, sem desprezarmos o trabalho com as obras na acepção 2, nos parece mais adequado a última, uma vez que nos permite vislumbrar um amplo trabalho com a linguagem, integrando o ensino de língua e literatura que começa na alfabetização ou antes desta. Como já comentamos anteriormente, contar histórias, fazer brincadeiras com palavras, inventar ou criar são atividades com os signos que podem ser pensadas a partir da seguinte concepção de linguagem: esta como forma de interação, ou seja, mais que transmitir mensagens de um emissor a um receptor, a linguagem é o lugar da interação concreta humana. Desse modo, estudar a língua é estudar as relações que os interlocutores estabelecem em suas relações sociais, possibilitadas somente pelo uso da linguagem (Geraldi, 2002). Se pensarmos no texto literário, autor e leitor se interagem, dialogam, pois se o autor cria o texto, é o leitor que lhe dará uma nova vida a cada leitura.

Aproximar a língua da literatura, a partir da concepção acima, nos permite associar linguagem e sujeito, o que não é possível se pensarmos em linguagem como mera expressão do pensamento. Tal concepção, que iluminou os estudos tradicionais, leva muitos professores e alunos a concluir que Patativa do Assaré ou o moleque caipira Chico Bento não pensariam, pois não se expressam corretamente⁷. Daí o trabalho de correção e adequação do texto em sala de aula por meio da dicotomização da língua. Se nos pautamos por essa visão, o trabalho com a linguagem se empobrece e, conseqüentemente, perdemos o que há de mais importante na literatura que é sua força humanizadora, como nos explica Antonio Candido (1995).

⁷ Exemplo evidente disso é o caso do dicionário do lulês, ou seja, ele não fala certo, não pensa. Por isso, faz tantas besteiras. Porém, esquecemos de outros políticos como Collor, Sarney, que falam/vam “bonito”, mas...

Para este autor, esse processo de humanização que nos permite a literatura é o que confere ao homem aquilo que julgamos essenciais para nós enquanto pessoas, ou seja, a nossa capacidade de reflexão, o contato com o saber, o encontro com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor. Desse modo, todos nós temos direito à literatura, como afirma Antonio Candido. Nas palavras do escritor israelense David Grossman, a literatura é o contrário da guerra, pois esta, explica o escritor, nos programa para pensar no conflito usando clichês impostos pelo desespero que não temos uma linguagem para descrever a situação. Já a literatura, por meio da linguagem, nos permite ver/pensar o conflito sobre diferentes pontos de vista⁸, quer dizer, a partir dos diferentes olhares humanos.

2 PALAVRAS PARA CONTINUAR

Chamado para falar sobre literatura na semana acadêmica de Letras⁹ da Universidade Federal do Pampa – *campus* Bagé, RS, busquei o livro de ensaios de Antonio Candido pela sua inegável contribuição para os estudos literários no Brasil. Terminei minha comunicação falando do direito à literatura (título do texto de Antonio Candido) que nós cidadãos deveríamos reivindicar, já que lutamos pela casa própria, assistência médica etc. Concluí que seria muito importante se, dentro da nossa cesta básica, viesse um livro ou um ingresso para assistir a um filme no cinema, ou ver alguma obra no teatro. Um mês depois, tive a grata surpresa ao ler no jornal a iniciativa do Presidente Lula em criar o vale cultura¹⁰ para que os trabalhadores possam comprar cds, livros, ingressos para teatro, cinema.

Pensemos, então, com otimismo que as diversas vidas dos signos que nos faltavam, possam chegar aos nossos olhos e mãos, nos tocar, nos envolver em viagens múltiplas para outros olhos, outros mundos, outras pessoas de outras linguagens, pois existem bibliotecas e milhões de livros não destruídos pelas guerras que ainda ceifam milhares de vidas a cada ano. E para quem acredita que a internet substituiu o livro, concordando com Manguel, creio o contrário, ela elevou o seu potencial, pois podemos comprar todos os tipos de livros novos ou usados sem sair de casa (ou ainda fazer o *download* de obras diversas em diferentes línguas), além de músicas, dvds, filmes, páginas de escritores com suas obras, revistas e

⁸ Entrevista concedida à *Revista Bravo* em setembro 2009.

⁹ A semana acadêmica ocorreu no período de 15/06/09 a 18/06/09. Este texto é resultado da comunicação apresentada.

¹⁰ Ver reportagem no site <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,lula-deve-assinar-hoje-projeto-que-cria-o-vale-cultura,406785,0.htm> . Acesso em 22/08/09.

jornais em versão eletrônica etc. Ou ainda, podemos ler livros inteiros na tela, ouvir todos os tipos de música, filmes etc, sobretudo para quem já se acostumou ao virtual, como é o caso das novas gerações. E com a chegada do leitor eletrônico – o kindle¹¹ – nos perguntamos: como será a leitura e de que modo os leitores serão afetados por essa nova tecnologia que promete revolução?

Dessa forma, como assinala Perrone-Moisés (1998, p. 215) a literatura pode nos permitir “ampliação do imaginário, encontro com o outro e auto-conhecimento, capacidade de impressão e de expressão, visão crítica do real, emoção estética, felicidade da palavra que nos faltava e nos é dada”. E quanto à morte da literatura a autora afirma que “ela ainda tem futuro, a Biblioteca ainda não foi destruída. E nós, leitores e escritores, aqui estamos para ler, eleger e prosseguir”.

Enfim, nos ensina a pesquisadora Bella Josef (1986, p. 46) ao discutir sobre crítica literária e linguagem:

Na obra materializa-se a linguagem, presentificando sua realidade no mundo. Ela é objeto da linguagem e abre-se para o mundo. O artista, para dizer o mundo, opera o repertório do sistema de signos de que dispõe, exerce sua capacidade de observação através da palavra, pois a literatura é forma de conquista da realidade através da linguagem. Mas o discurso, tradução verbal de um mundo fora da linguagem, não se esgota na representação, nem se refere a realidade tal como ela é, a literatura não revela a realidade, ela a ela a des-vela.

No processo criativo literário o trabalho com a linguagem pode aparecer de várias formas, seja linguagem cômica, lúdica, erótica, popular etc. E ainda em outras possibilidades mais, pois os gêneros (da literatura ou da língua) possuem a enorme capacidade de relacionarem-se entre si e adquirem novas manifestações na(s) boca/mãos daqueles que fazem uso da língua(gem), sejam nós falantes da língua ou escritores, incansáveis artesãos dos signos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria E. Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Ensayos y comentarios*. Tradução de Rodolfo M. Sandoval e María Teresa Celada. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Fondo de Cultura Económica de México, 1995.

¹¹ Ver reportagem na Revista *Época* de 12 out. 2009.

CHIAPINI, Lúgia. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.

GERALDI, João Wanderley. Mitos bíblicos: fundamentos das percepções judaico-cristãs da linguagem. Conferência proferida no *I Colóquio Discurso e Práticas Culturais da UFCE*, 2009.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2002.

JOSEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Atlas Literatura: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VERÍSSIMO, José. *Que é literatura e outros escritos*. São Paulo: Landy, 2001.

Recebido em 21 de setembro de 2009.

Aceito em 20 de outubro de 2009.